

## MORFOSSINTAXE

### A VARIABILIDADE DO ARTIGO DEFINIDO NA FALA DE CRIANÇAS EM FASE DE AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

*Patrícia Vargas Alencar (FAETEC)*

[pat.vargas@hotmail.com](mailto:pat.vargas@hotmail.com)

#### INTRODUÇÃO

Nesta oportunidade, investigamos a trajetória aquisitiva do artigo definido diante de nomes próprios de pessoas, como nos exemplos: “Pedro saiu”/ “O Pedro saiu”, de acordo com a variável “Função Sintática do SN”.

Ao analisar o percurso do artigo, buscamos verificar a emergência e a incorporação dos padrões que regulam a variação do artigo frente a N próprio no discurso da criança, de modo a confrontar a variação da fala infantil com os padrões de variação da fala dos adultos, com os quais interagiram nas amostras analisadas, para investigar até que ponto o discurso da criança reflete o input a que teve acesso. Para tanto, baseamo-nos no arcabouço teórico-metodológico da Teoria da Variação de orientação Laboviana, bem como adotamos uma perspectiva teórica que parte do princípio de que a aquisição de L1 não é independente das situações de uso da língua (Tomasello, 2003).

Conjugamos dois tipos de estudo da fala de crianças em fase de aquisição da linguagem: um estudo longitudinal (com 1 criança, denominada “R”) e um estudo estratificado (com 10 crianças) – amostra subdividida em cinco pontos etários (1;6, 2;00, 2;6, 3;00 e 4;00). Analisamos a variação na fala dos adultos presentes nas situações interacionais consideradas usando os mesmos procedimentos para a análise da fala da criança.

Os resultados de nossa análise puderam evidenciar que há uma expansão gradativa na fala infantil, conforme o avanço da faixa etária, das funções do artigo encontradas no discurso do adulto e que a hipótese da atuação do *input* é parcialmente confirmada uma vez que o continuum de expansão do artigo parece ser determinado também por fatores maturacionais, conforme apresentaremos a seguir.

ANÁLISE DOS DADOS

Neste artigo, apresentamos os resultados mais significativos para a emergência do artigo definido diante de nome próprio de pessoa de acordo com a função sintática do SN. Remetemos os interessados na leitura da pesquisa completa para nossa tese de Doutorado (Alencar, 2006).

Conforme apontaram vários trabalhos sobre a comunidade (Oliveira e Silva, 1996; Callou e Oliveira e Silva, 1997; Callou, 2000), há grandes chances de o maior uso de artigo ocorrer nas funções sintáticas preposicionadas. Para confirmar tal tendência, verificamos as seguintes funções sintáticas:

*Sujeito*

(30) “*Babi joga a bola.*” (MGL 2;05 p.14)

*Predicativo do sujeito*

(31) “*Esse é o Ricardo.*” (BGL 2;00 p.1)

*Objeto Direto*

(32) “*Que comeu a Chapeuzinho.*” (AGL 3;01 p.4)

*Funções preposicionadas<sup>11</sup>*

(33) “*Coitada da Dica.*” (VE 4;00 p. 11)

A tabela 1 fornece as estatísticas referentes ao uso do artigo frente a nome próprio de acordo com a função sintática, depreendidas no estudo longitudinal.

Tabela 1 – Uso do artigo segundo a função Sintática do SN – Fala infantil – Estudo longitudinal (Significância: 0.000/Input: 0,905)

---

<sup>11</sup> Salientamos que, inicialmente, procedemos a uma análise detalhada que considerou a atuação das seguintes funções regidas por preposição: objeto indireto, adjunto adverbial, complemento nominal/ adjunto adnominal. Como os resultados para estes fatores mostraram grande regularidade e por se tratar de ambientes sintáticos encabeçados por preposição, tais funções foram agrupadas, sendo, portanto, representadas pelo fator “funções preposicionadas”.

## MORFOSSINTAXE

| Função Sintática | Frequência  | Peso Relativo |
|------------------|-------------|---------------|
| Sujeito          | 75/88 = 85% | .33           |
| Pred. Sujeito    | 20/33 = 60% | .13           |
| Ob.Direto        | 25/28 = 89% | .52           |
| Funções Prep     | 86/89 = 96% | .78           |

Em primeiro lugar, é interessante ressaltar a diferença na distribuição dos dados, o que coloca certos limites na interpretação dos resultados da análise estatística. Grande parte dos dados se concentra nas funções prepositivas, fato já esperado já que se trata de um fator resultante do amálgama das funções regidas por preposição. Há um número elevado de dados também na função de sujeito, o que também já era previsto uma vez que no sujeito se concentra geralmente a informação conhecida/velha que normalmente ocorre antecedida pelo artigo.

A tabela 1 evidencia, como já esperávamos, que as funções sintáticas que envolvem a presença da preposição são as mais favoráveis ao uso do artigo antes de N próprio (96% e .78). A função de objeto direto também se destaca com taxas elevadas para a ocorrência de artigo (89% e .52). Embora a função de sujeito apresente frequência alta de artigo (85%), o peso relativo (.33) indica nítido desfavorecimento do artigo. O fator menos favorável à ocorrência do artigo diante de N próprio é a função de predicativo do sujeito (60% e .13).

O efeito do grupo “Função Sintática”, referente ao estudo estratificado, pode ser visto na tabela 2 abaixo, cujos resultados não foram selecionados na análise multivariacional.

Tabela 2 – Uso do artigo segundo a função Sintática do SN – Fala infantil- Estudo estratificado

| Função Sintática        | Frequência  | Peso Relativo <sup>12</sup> |
|-------------------------|-------------|-----------------------------|
| Sujeito                 | 21/30 = 70% | (.38)                       |
| Predicativo do Sujeito  | 10/12 = 83% | (.85)                       |
| Objeto Direto           | 4/6 = 66%   | (.41)                       |
| Funções preposicionadas | 13/21 = 61% | (.47)                       |

<sup>12</sup> Embora este grupo não tenha sido selecionado como estatisticamente relevante na fala infantil da amostra estratificada, consideramos os pesos relativos já que, de certa forma, eles refletem a direção apontada nas frequências. Tal procedimento permite uma maior complementação para a análise comparativa entre os dados da tabela 2 e os dados discutidos para a fala da criança na amostra longitudinal (Cf. tabela 1).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Em muitos aspectos, os resultados do estudo estratificado diferem dos padrões identificados no estudo longitudinal. De acordo com os resultados expostos na tabela 2, a função que se destaca como principal condicionador para o uso do artigo é a de predicativo do sujeito (83% e .85). As demais funções sintáticas desfavorecem o artigo com taxas bastante próximas, a saber: sujeito (70% e .38), objeto direto (66% e .41) e funções preposicionadas (61% e .47).

Contrariando nossas expectativas, as funções regidas por preposição foram as que menos favoreceram a presença do artigo frente a N próprio no estudo estratificado. Particularidades dessa amostra de dados parecem estar na origem dessa tendência contra-intuitiva. Na fala das crianças que compõem a amostra estratificada, alguns sintagmas preposicionais aos quais estão vinculados SN's com N próprios ocorreram sem a presença da preposição<sup>13</sup> – ocasionando, assim, a omissão conjunta do artigo. Como tais estruturas foram classificadas como “funções preposicionadas” pode ter ocorrido um enviesamento que altera a tendência verificada no estudo longitudinal. Destacamos também que, em vários casos, não foi possível precisar a função sintática de um determinado SN, levando à sua exclusão do grupo “Função Sintática”. Suspeitamos que as peculiaridades já salientadas da amostra estratificada podem ter influenciado nos resultados, comprometendo a já ressaltada regularidade no efeito da preposição.

O comportamento similar ente as funções de “sujeito” e “objeto direto”, observado nas tabelas 1 e 2, mostra certa regularidade no efeito dessas funções nos dois estudos: nas duas tabelas, a função de objeto direto é a segunda que mais favorece o artigo e a função de sujeito é uma das mais desfavoráveis à ocorrência do determinante.

A distribuição dos resultados para as funções sintáticas verificadas na fala dos adultos, tanto do estudo longitudinal como do estudo estratificado, confirma a tendência verificada na amostra de fala de R, estudo longitudinal, embora permitam identificar algumas diferenças em relação à fala infantil, como pode ser observado na tabela 3.

---

<sup>13</sup> Criança : “deu uma necessário Ø Tatiana porque” (MA 2;00 p. 80)

Adulto: “Aonde você que é ir?”

Criança: “Ø Liandu” (MA 2 ;00 p. 80)

## MORFOSSINTAXE

**Tabela 3: Uso do artigo segundo a função Sintática – Adultos**

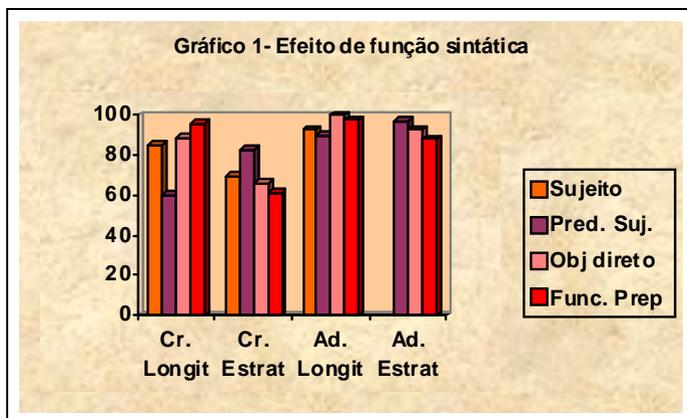
| Função Sintática        | Amostra Longitudinal |               | Amostra Estratificada (Sig-nificância: 128 / Input: .98) |               |
|-------------------------|----------------------|---------------|--|---------------|
|                         | Frequência           | Peso Relativo | Frequência   | Peso Relativo |
| Sujeito                 | 87/93 = 93%          | (.33)         | 85/88 = 97%  | .61           |
| Predicativo do Sujeito  | 10/11 = 90%          | (.32)         | 27/29 = 93%  | .44           |
| Objeto Direto           | 24/24 = 100%         | -             | 28/32 = 88%  | .18           |
| Funções Preposicionadas | 105/107 = 98%        | (.65)         | 29/30 = 97%  | .60           |

Tomando por base os resultados para o estudo longitudinal, verificamos que o artigo está presente categoricamente nos SN's com função de objeto direto, distinguindo-se, nesse sentido, do padrão verificado para as crianças. Em termos comparativos, destacam-se mais uma vez as funções preposicionadas com índice de 98% e .65 para presença de artigo. Os fatores “sujeito” e “predicativo do sujeito” apresentam taxas desfavoráveis (.33 e .32) à ocorrência de artigo. Comparando a fala infantil à dos adultos, verificamos que, no estudo longitudinal, reitera-se a tendência das funções preposicionadas como contexto mais favorecedor à presença do artigo antes de N próprio. Não houve equivalência quanto às demais funções (o objeto direto, por exemplo, que na fala infantil mostrou-se variável, na fala do adulto apresenta-se categórico), o que pode ser interpretado em termos funcionais.

Os resultados referentes à fala dos adultos do estudo estratificado também se particularizam em alguns aspectos. Notamos, através das estatísticas da tabela 3, uma neutralização da diferença entre o uso do artigo no SN que desempenha função de sujeito (97% e .61) e nas funções preposicionadas (97% e .60), ambas favorecedoras da presença do determinante. A função de objeto direto, por outro lado, é a que mais desfavorece o uso do artigo definido (.18) seguida da função de predicativo do sujeito com peso relativo de .44. Há, portanto, pouca regularidade nos resultados para função sintática na fala do adulto. Os resultados da amostra estratificada para a fala do adulto indicam que a direção investigada na fala infantil não reflete a do adulto já que a função de “predicativo do sujeito” destaca-se como a mais favorável na fala da criança (83% e .85 - Cf. tabela 2).

Os resultados encontrados na fala do adulto confirmam, em parte, a variação na fala infantil já que as funções preposicionadas

foram, no discurso do adulto (para a amostra longitudinal e para a amostra estratificada) uma das que mais favoreceram o uso do artigo, repetindo a tendência já observada na fala infantil correspondente à amostra longitudinal. As similaridades e diferenças entre as tendências observadas nos diferentes conjuntos de dados podem ser visualizadas no gráfico 1.



Segundo a distribuição de freqüências mostrada no gráfico 1, o padrão de variação atestado entre as crianças é parcialmente equivalente ao padrão constatado entre os adultos, destacando-se sobretudo o papel da preposição, o que reproduz igualmente a tendência verificada no estudo de comunidades de fala. (Callou e Oliveira e Silva, 1997 e Callou, 2000).

Callou e Oliveira e Silva (1997), na sua análise do uso variável do artigo definido diante de N próprio em cinco capitais brasileiras (Projeto NURC), testaram o efeito da variável “Função Sintática” e verificaram a relevância estatística desse grupo para a presença ou ausência do determinante. Embora as autoras esperassem encontrar um certo espelhamento entre as variáveis presença e preposição e funções sintática, não se constatou a mesma distribuição de uso de artigo nas diferentes funções preposicionadas investigadas – fato que, segundo as autoras, descarta a dependência entre as variáveis “Presença de Preposição” e “Função Sintática”. Nas palavras das autoras (*op. cit.*, p. 19):

## MORFOSSINTAXE

Observe-se que o peso relativo segue a mesma escala crescente da percentagem, o que representa mais um indício de não haver interferência deste grupo com outro (presença de preposição), ao contrário do que nossa intuição nos faz crer – já que algumas funções (adjuntos, genitivos e objetos indiretos) são sempre precedidas de preposição que, por sua vez, favorecem a presença do artigo. Nota-se ainda que o objeto indireto, malgrado a preposição, mantém-se neutro.

Em estudo anterior (Callou, 2000, p. 20) já havia destacado a importância da função sintática para o uso do artigo definido diante de nome próprio, mostrando que, no século XX, das categorias sintáticas verificadas, o adjunto se revelou o contexto mais favorecedor (por volta de 50%) da presença do determinante. A autora atribui o aumento do artigo em adjuntos adverbiais ao menor grau de especificidade dessa função. O uso do artigo estaria correspondendo, assim, “a um processo compensatório de intensificação do traço [+ específico]” (Callou, 2000, p. 26). Na interpretação da autora, portanto, mais do que razões propriamente sintáticas, intervêm aí aspectos semânticos.

As evidências aferidas neste estudo levam a crer, no entanto, que, na trajetória de incorporação da variação a maior ou menor presença do artigo em SN's com determinadas funções sintáticas pode não decorrer de aspectos semântico-discursivos, como sugere a autora, mas parece estar associada a fatores de ordem estrutural, já que a presença de uma preposição parece desempenhar um papel determinante na incidência do determinante antes de N próprio.

Procuramos verificar a trajetória de uso do artigo antes de N próprio de acordo com a função sintática ao longo do período etário considerado neste estudo. Os resultados para essa análise são apresentados na tabela 4:

**Tabela 4:**  
**Cruzamento entre Idade e Função Sintática do SN – Estudo Estratificado**

|                         | 18 meses | 2 anos     | 18 meses   | 3 anos     | 4 anos      |
|-------------------------|----------|------------|------------|------------|-------------|
| Sujeito                 | -        | ¼ = 25%    | 3/5 = 60%  | 7/10 = 70% | 10/11 = 91% |
| Predicativo do Sujeito  | -        | 8/10 = 80% | 1/1 = 100% | 1/1 = 100% | -           |
| Objeto Direto           | -        | 1/1 = 100% | 1/1 = 100% | 2/3 = 67%  | 0/1 = 0%    |
| Funções preposicionadas | -        | 2/10 = 10% | 1/1 = 100% | 5/5 = 100% | 5/5 = 100%  |

Evidentemente, a desequilibrada distribuição dos dados na tabela 4 dificulta conclusões mais definitivas, mas fornece algumas indicações interessantes. Os resultados mostram que, na idade de 2 anos, as funções preposicionadas não favorecem o artigo (10%). A partir de 2 anos e 6 meses, no entanto, as crianças apresentam uso categórico do artigo nas funções que ocorrem com preposição. A função “predicativo do sujeito” já começa a favorecer o uso do artigo com frequência de 80% e passa a ser categórica aos 2 anos e 6 meses. O fator “objeto direto” trilha um caminho inverso passando de 100% aos dois anos e seis meses para uma taxa de 67% de uso do artigo aos 3 anos e ausência categórica aos 4 anos. Em relação à função de “sujeito”, podemos observar pouca incidência de artigo aos 2 anos (25%) e variação considerável na faixa de 2 anos e 6 meses (60%) e 3 anos (70%). Aos 4 anos, a criança passa a refletir taxa semelhante à do adulto (Cf. tabela 9) para uso do artigo definido, a saber: 91%.

A incorporação do artigo definido, de acordo com as categorias sintáticas analisadas ao longo do *continuum* aquisitivo, evidencia que a regularidade dos padrões do adulto se manifesta principalmente nas funções preposicionadas, a partir de 2 anos e 6 meses, e na função de sujeito, a partir dos 4 anos de idade. Nos demais ambientes sintáticos, verificamos grande oscilação das tendências verificadas. Tal diferença de comportamento pode estar evidenciando, novamente, que a atuação das propriedades estruturais do SN parecem ser mais relevantes para o uso do artigo do que a função sintática do SN durante o processo aquisitivo. Em outros termos, é possível que o efeito de função sintática não seja mais do que um reflexo da atuação da configuração estrutural do SN. Os resultados análogos, entre as

## MORFOSSINTAXE

fases etárias, para o uso do artigo em SN's que desempenham funções preposicionadas reiteram a importância da preposição como contexto condicionador para o uso do artigo diante de nome próprio.

Nesta seção, vimos que os resultados encontrados reforçam nossa hipótese de que a incorporação do artigo está vinculada à presença da preposição localizada à esquerda do N próprio já que, desde o início do processo aquisitivo, há evidências de que o artigo ocorre em maior escala nos SN's que estão encaixados em um Sprep. Nossa análise mostrou que a trajetória de incorporação do artigo definido segue, de certa forma, na direção dos contextos mais favoráveis para os contextos menos favoráveis do *input*.

## CONCLUSÃO

Nesta ocasião, vimos que as funções sintáticas regidas por preposição são mais favoráveis para a ocorrência do artigo definido frente a Nome Próprio. A ocorrência da preposição revelou-se, portanto, fator determinante para a emergência do artigo na fala infantil.

Os resultados de nossa análise puderam evidenciar que há uma expansão gradativa na fala infantil, conforme o avanço da faixa etária, das funções do artigo encontradas no discurso do adulto. Tal reflexo parcial da fala adulta no percurso aquisitivo mostra que a interferência do *input* no processo de aquisição não se limita a uma representação exata da fala do adulto, confirmando conclusões de outros trabalhos que investigaram a aquisição de fenômenos variáveis. Assim, o fato de o comportamento lingüístico não refletir inteiramente o padrão observado na fala dos adultos está associado, ao que tudo indica, a fatores maturacionais, ou seja, a pressões associadas ao desenvolvimento lingüístico e cognitivo mais geral da criança.

## BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Patrícia Vargas. *Direcionalidade da aquisição do artigo definido frente a N próprio em contexto de input variável*. Rio de Janeiro, 2006, 166 fls. Tese Doutorado em Lingüística – UFRJ, Faculdade de Letras.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

CALLOU, Dinah. *A variação no português do Brasil: O uso do artigo definido diante de antropônimo*. Faculdade de Letras da UFRJ, Série Conferência, vol. 9. Rio de Janeiro, 2000.

——— & OLIVEIRA e SILVA, Giselle Machline de. O uso do artigo definido em contextos específicos. **In:** HORA, Dermeval da (org.). *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997, p. 11-27.

LIEVEN, Elena V. M. Crosslinguistic and crosscultural aspects of language addressed to children. **In:** GALLAWAY, Clare & RICHARDS, Brian. *Input and interaction in language acquisition*. Cambridge University Press, 1994, p. 56-73.

PINTZUK, Susan. *Varbrul programs*, 1988. Mimeo

RICHARDS, Brian J. Child-direct speech and influences on language acquisition: methodology and interpretation. **In:** GALLAWAY, Clare & RICHARDS, Brian. *Input and interaction in language acquisition*. Cambridge University Press, 1994, p. 74-106.

ROBERTS, Julia Lee. *Acquisition of variable rules: (-t,d) deletion and (ing) production in preschool children*. Tese de Doutorado. Faculties of the University of Pennsylvania, 1994.

RAMOS, Jacqueline Varela Brasil. *Aquisição da preposição “DE” em L1*. Tese de Doutorado em Lingüística. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2005, 198 fls.

RONCARATI, Cláudia. A gênese das variantes da negação. *Gragoatá: revista do Programa de Pós-graduação em Letras*, n. 9, Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2000, p. 171-192.

SNOW, Catherine E. Beginning from Baby Talk: twenty years of research on input interaction. **In:** GALLAWAY, Clare & RICHARDS, Brian. *Input and interaction in language acquisition*. Cambridge University Press, 1994, p. 3-12.

TOMASELLO, Michael. *Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition*. England. Harvard University Press, 2003.